



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

2026 – 04 de abril

520 anos da confirmação e aprovação do Tratado de Tordesilhas – 500 anos da descoberta do Rio São Francisco – 470 anos da morte de Santo Ignácio de Loyola – 410 anos da fundação do Forte do Presépio, futura Santa Maria de Belém do Grão Pará – 400 anos da travessia do Rio Uruguai pelo padre Roque Gonzalez de Santa Cruz – 350 anos da instalação do Bispado do Rio de Janeiro – 350 anos do início da fundação de Laguna, hoje SC – 330 anos da fundação da Escola de Artilharia e Arquitetura Militar em Salvador – 300 anos da fundação da Ilha do Desterro, hoje Florianópolis e de Fortaleza, CE – 250 anos da retomada da Vila de Rio Grande aos espanhóis – 230 anos do 2º Tratado de Santo Ildefonso – 220 anos do Bloqueio Continental imposto por Napoleão – 210 anos da Campanha da Cisplatina – 200 ano do falecimento da Imperatriz Dona Leopoldina – 190 anos da Proclamação da República Riograndense – 170 anos da mudança de nome da cidade de Barra do Rio Negro para Manaus – 160 anos da invasão do Paraguai pela Tríplice Aliança, Batalha de Tuiuti e morte de Antônio de Sampaio – 140 anos de falecimento de Mallet – 120 anos da reformulação das FA e da regulamentação do Serviço Militar Obrigatório – 110 anos do final da Guerra do Contestado – 80 anos da Primeira Assembleia Geral da ONU.

2026

Abril

Nº 503

Análise do conflito EUA x Irã, pelos militares brasileiros

Por Marcelo Godoy, repórter do Estadão

**Os pontos críticos na defesa do Brasil
que os militares viram com a guerra no
Oriente Médio**

O oficiais do Estado-Maior do Exército que estão estudando o conflito entre EUA e Irã encontraram quatro pontos cujo impacto é crítico para a Defesa, um risco alto e outro de caráter médio para o País.

Oficiais do Estado-Maior do Exército (EME) produziram um documento de análise sobre o conflito entre os Estados

Unidos e Israel contra o Irã e encontraram seis matrizes de risco: saturação do espaço aéreo por drones, o colapso logístico por falta de munição, a paralisia decisória por desinformação, o corte orçamentário de programas estratégicos, a limitação na antecipação de ameaças e o isolamento geopolítico regional.

Para cada um desses riscos, os militares verificaram sua probabilidade e seu impacto, bem como sugeriram uma estratégia de mitigação. Assim, a saturação do espaço aéreo brasileiro com drones em caso de ataque de uma potência estrangeira foi classificada como uma probabilidade alta e seu impacto, como crítico.

Para enfrentar essa realidade, o documento sugere a “aquisição de sistemas antidrones portáteis, particularmente, com guerra eletrônica para a defesa de ponto e desenvolvimento de TTP anti-drones (do inglês Tactics, Techniques, and Procedures, ou Táticas, Técnicas e Procedimentos) usados para detectar, identificar, rastrear e neutralizar veículos MALE UCAV, como os TB2 turco ou drones como Shared 136 iraniano.

Outros dois pontos foram considerados de probabilidade alta e de impacto crítico: a paralisia decisória por desinformação e o corte orçamentário. Para enfrentar a primeira, seria necessária a criação de um núcleo interagência de “resiliência e pronta resposta internacional, além de fortalecimento da defesa cognitiva”.

Em relação aos cortes, o documento sugere a necessidade de blindagem jurídica e institucional dos projetos estratégicos das Forças Armadas e o aumento da porcentagem do PIB gasta na Defesa. Atualmente, o País consome cerca de 1,1% do PIB na área. Os comandos da três Forças querem que esse número suba para 2%, enquanto o presidente Donald Trump pressiona a Europa para que esse índice chegue a 5%.

Os militares que estudaram o conflito no Oriente Médio alertaram ainda sobre o risco do colapso logístico por falta de munição se o País entrar em guerra. No ano passado, o ministro da Defesa, José Múcio, afirmou que o Brasil teria munição para apenas 30 dias de um conflito moderno. No estudo feito pelos oficiais do EME, esse risco é considerado médio, mas seu impacto é crítico.

Para contorná-lo seriam necessários novos contratos de longo prazo com a Base Industrial de Defesa para formar estoques estratégicos de munição pesada, um produto que está em falta em todo mundo em razão dos conflitos na Ucrânia e no Oriente Médio.

Sobre a capacidade de antecipar possíveis ameaças, os militares consideraram que uma falha nesse campo tem risco médio, mas seu impacto é alto, algo que poderia ser mitigado com investimentos em inteligência militar. Por fim, entre os riscos estudados, está o do isolamento regional, cuja probabilidade foi considerada baixa e seu impacto médio. Para evitá-lo, os oficiais recomendam o aumento da “diplomacia militar”, com a

participação em exercícios combinados regionais”.

As lições aprendidas

Entre as lições do conflito listadas no documento ao qual a coluna teve acesso está a primazia da defesa antiaérea e antidrone para a execução de uma estratégia antiacesso/negação de área (A2/AD). “Defesas tradicionais colapsam rapidamente contra ataques de saturação”, afirma o documento, que reconhece a “vulnerabilidade” do Brasil para negar o espaço aéreo a drones e outros vetores modernos.

Também foi analisada a capacidade de dissuasão de longo alcance do País. A análise afirma que, no conflito moderno, a troca de ataques diretos reforça que a dissuasão só é crível “se houver capacidade real e demonstrada de atingir o território adversário em profundidade, impondo custos inaceitáveis” ao inimigo.

É aqui que, para os militares, entra o problema da instabilidade orçamentária que paralisa programas estratégicos das Forças Armadas. O custo de interceptar mísseis e projetar força é “colossal”. “Nações que expandem seus compromissos militares além de sua base econômica entram em colapso.” Ou seja, a falta de recursos afeta o nível de prontidão das Forças, dificultando uma resposta em caso de conflito e também a mobilização nacional.

O documento segue analisando as operações psicológicas e o domínio do campo informacional. Ele caracteriza assim o problema nessa área: “A incitação

direta para que a população se rebele para fraturar a coesão interna do Estado adversário, atacando seu centro de gravidade moral”. E reconhece como vulnerabilidade a “fragilidade institucional frente a campanhas de desinformação e narrativas”.

Os militares analisaram ainda a resiliência de infraestruturas críticas e o apoio ao Estado. De acordo com o documento, a guerra no Oriente Médio mostrou ataques focados em alvos militares e de segurança que “visam paralisar a capacidade de resposta sistêmica do inimigo, colapsando toda a rede de defesa e a sociedade”

Para eles, a vulnerabilidade identificada nesse campo no Brasil inclui a dependência de infraestruturas civis frágeis, pouco protegidas e com Defesa Civil limitada. Ela é agravada por outro problema: os gargalos da autonomia logística e as vulnerabilidades da Base Industrial de Defesa.

Segundo o documento, no Oriente Médio o impacto do isolamento por sanções econômicas e a dependência de cadeia globais demonstraram serem fatais quando não se possui uma indústria de defesa resiliente. Ou seja, a dependência externa e os baixos estoques de munição e insumos estratégicos são fatais para a Defesa de um país e afetam o Brasil.

O documento detalha ainda a importância de uma rede de inteligência estratégica e de consciência situacional. “A precisão cirúrgica da operação dependeu

de uma rede de inteligência robusta com diversas fontes de inteligência para identificar alvos dinâmicos em tempo real.”

Aqui, os analistas do EME também verificaram uma deficiência no Brasil: “A falta de integração interagências e de uma capacidade de inteligência preditiva robusta fragilizam o Estado diante de ameaças híbridas e geopolíticas, afetando a soberania”.

Diante desses desafios, os militares sugerem a integração de sistemas de detecção e interceptação com o sistema de mísseis e foguetes e radares de vigilância, com soluções para combater drones para a proteção em nosso território, os pontos sensíveis e a mobilidade de tropas. É preciso ainda capacitar pessoal para a transformação do Exército para a era dos drones.

O documento conclui que o Exército deve priorizar a nacionalização de componentes e diversificação de fornecedores para seus programas estratégicos e para a produção de munições, blindados e sistemas de comunicação a fim de assegurar sustentabilidade de operação em qualquer cenário e lugar, como a Amazônia, e de forma integrada com a Marinha e a Força Aérea.

Entre os programas que podem ajudar na capacidade de dissuasão do Exército está o do Míssil Tático de Cruzeiro-300 (MTC-300), que o EME espera retomar com a reabertura da Avibrás ainda neste mês. A solução do problema Avibrás – mais uma vez prometida – pode ser apenas pensamento positivo, mas o

projeto do MTC-300 não deixa de ser importante por isso. O Exército, conforme a coluna mostrou, entregou ao governo um estudo com o custo para sua modernização entre 2026 e 2040: R\$ 456 bilhões para garantir o mínimo de dissuasão na era dos drones.

O documento não esgota todas as reformas e medidas necessárias para a Defesa Nacional. Aborda pontos, alguns deles dramáticos, como a incapacidade de o País se defender de enxame de drones ou de mísseis. As autoridades civis deveriam estudar sobre o tema, fazer reparos, cobranças e estabelecer metas e recursos. Tudo debaixo do controle e da provação da sociedade. Assim é que devia ser antes que um bandido qualquer arrombe a nossa casa.

#####

PÉROLAS DA HISTÓRIA

1) "O oficial deve pairar acima dos conflitos partidários, sobretudo de suas injunções e compromissos".

Marechal Castelo Branco

2) As três maiores e principais batalhas de Alexandre o Grande foram contra os Persas (Dario III): Granico (334 aC), Issos (333 aC) e Gaugamelos (ou Arbela, 331 aC).

3) Quem foi Vercingetórix? Foi o símbolo gaulês de desafio a Roma. Guerrilheiro audaz lutou contra César e rendeu-se a este. Preso por seis anos foi julgado e executado em Roma (ver [Vercingetórix, o símbolo gaulês de desafio a Roma – HistóriaBlog](#)).

Capítulo 18 da obra PANDOLFI, Dulce (org.). Repensando o Estado Novo. Rio de Janeiro: FGV, 1999, 345 p.

Vargas e os militares

Por José Murilo de Carvalho

O tema que me foi dado, Vargas e os militares, é muito amplo. Por isso vou tratá-lo de maneira esquemática, na tentativa de tornar minhas ideias um pouco mais precisas, embora não necessariamente mais corretas.

A relação de Vargas com os militares pode ser considerada, do ponto de vista da nacionalização da política brasileira, um processo retomado na década de 30 após a experiência federalista bastante desagradadora da Primeira República.

No Império, a nacionalização da política era garantida pelas frágeis bases do Poder Moderador e do carisma imperial.

A nacionalização da política inclui pelo menos três dimensões: a criação de atores nacionais, de uma agenda nacional e de um centro nacional decisivo forte.

Eu diria que a relação entre Vargas e os militares faz parte desse processo, sobretudo no que se refere à construção e, como hoje é moda dizer, à desconstrução de atores políticos.

Num primeiro momento, que vai de 1930 a 1937, verificou-se a construção mútua de dois atores políticos centrais: **Vargas e os militares.**

Foi um processo dialético, embora Vargas tenha sido o pólo dominante.

Como se deu tal construção? Um tema central da Revolução de 30, tanto entre os militares como entre os civis

que chegaram ao poder, era a luta contra as oligarquias regionais e a construção de um poder realmente nacional.

O grande inimigo de militares e civis revolucionários eram as oligarquias que não queriam aceitar e não aceitavam a perda de influência e poder que detinham durante a Primeira República.

Vargas não tinha em quem se apoiar para construir esse poder nacional, a não ser nas Forças Armadas. Mas elas, sobretudo o Exército, eram naquele momento ineficientes como atores políticos porque profundamente desorganizadas e fragmentadas. Desde a consolidação da República, eram cooptadas e manipuladas pelas elites políticas. Para agravar a situação, os vencedores militares de 1930 eram jovens tenentes (a mais alta patente era a de Góis Monteiro, tenente-coronel) que não podiam comandar generais.

A vitória desse grupo subverteu toda a hierarquia das Forças Armadas, dividindo-as ainda mais e fazendo delas um ator político fraco, inadequado para servir de sustentação ao processo de centralização e nacionalização do poder.

Era necessário, do ponto de vista da estratégia de Vargas, que percebeu o ponto com muita clareza, reconstruir as Forças Armadas de maneira a transformá-las no ator político de que precisava.

Várias táticas foram usadas pelos aliados militares de Vargas. Uma das principais foram os expurgos. Houve três ondas de expurgos, sobretudo no Exército, mas sem excluir a Marinha.

O primeiro em 1932, após a revolta paulista. A derrota dos paulistas implicou, no que se refere às Forças Armadas, à expulsão de 508 oficiais. Depois

veio a revolta comunista de 1935, cujo final redundou na expulsão de mais 107 oficiais. Finalmente, em 1938, ocorreu a revolta integralista, que resultou também na expulsão de mais 10 generais.

Num curto período, houve verdadeiro expurgo da oficialidade divergente, que permitiu à facção surgida em 1930 tornar-se dominante dentro das Forças Armadas. Esta facção foi liderada pelo já então general Góis Monteiro, em dobradinha com o general Gaspar Dutra. Sua hegemonia dentro do Exército possibilitou a unificação da instituição do ponto de vista político e ideológico.

O Exército se tornou, desse modo, um ator político capaz de secundar a ação nacionalizante de Vargas, com a qual estava de pleno acordo. O casamento consolidou-se em 1937, quando foi implantado o Estado Novo com o total apoio do Exército controlado pelos generais Góis Monteiro e Gaspar Dutra. A Marinha, que não sofrera o problema da desagregação, também aderiu.

Poder-se-ia perguntar: por que, então, o Exército não assumiu o poder em 1937? Já que os militares estavam suficientemente fortalecidos, por que precisavam de Vargas?

O Exército precisava de Vargas porque o processo de unificação era recente. Não havia ainda condições internas à organização para que um general assumisse o poder sem despertar a rivalidade de outros generais. Góis Monteiro tentou várias vezes candidatar-se à presidência. Se tivesse insistido, certamente teria enfrentado a oposição de outros generais.

Uma briga de generais pela presidência da República resultaria em nova frag-

mentação e, portanto, novo enfraquecimento das Forças Armadas. Por essa razão, elas não tinham no momento condições políticas e organizacionais para assumir o poder e precisavam de Vargas, assim como ele precisava delas.

Consolidou-se nesse momento a criação mútua, como atores políticos, de Vargas e das Forças Armadas. As últimas surgiram como contrapeso às oligarquias, que foram, concomitantemente, desconstruídas como atores hegemônicos no cenário nacional.

Três momentos pontuaram a derrota dessas oligarquias, entre as quais, como se sabe, sobressaíam a paulista, a mineira e a gaúcha. Foram três pequenas guerras, uma delas que não houve.

A primeira, e mais dura, correspondeu à derrota da oligarquia paulista em 1932.

A segunda foi a escaramuça militar de 1937 que expulsou Flores da Cunha do Rio Grande do Sul.

E a terceira, que não houve, foi, obviamente, a mineira, que se resolveu pela escolha de Benedito Valadares para interventor em 1933.

Os mineiros deram, então, um vexame que espantou até a própria mãe de Benedito Valadares, cuja perplexidade com a escolha ficou imortalizada na famosa pergunta: **“Mas será o Benedito?”**

Nem a própria mãe acreditava que Benedito pudesse ser o interventor federal. Acabou sendo, e com isso a oligarquia mineira se acomodou no poder.

Essa foi a primeira fase do processo de nacionalização da política, visto pelo ângulo dos atores: a construção mútua de Vargas e das Forças Armadas como atores políticos nacionais e a desconstru-

ção concomitante das oligarquias estaduais.

A segunda fase do processo corresponde à construção de outro ator, novamente sob a ação demiúrgica de Vargas.

Nos primeiros anos do Estado Novo, um momento de baixa do liberalismo e da democracia, Vargas criou e utilizou o ator viável para o momento, que eram os militares, cujo poder estava na capacidade do uso da força.

A partir de 1942, Vargas sentiu a necessidade de preparar o campo para um novo tipo de luta política, em que a força seria a dos números e não a das armas.

Dedicou-se, então, a construir um outro ator político, o trabalhismo. Em outras palavras, o movimento operário que se institucionalizou no Partido Trabalhista Brasileiro.

Mas, ao construir esse novo ator político, Vargas incompatibilizou-se com seu primogênito. Surgiu uma briga entre os dois filhos de Vargas, uma briga de sabor bíblico, como a de Caim e Abel.

O que afastou Vargas dos militares foi exatamente esse novo ator político que ele estava construindo ao final do Estado Novo, o movimento trabalhista.

Os militares tinham desenvolvido, desde 1935, um fortíssimo viés anticomunista, alimentado inclusive por falsificações de episódios históricos referentes às revoltas desse ano.

O anticomunismo passou a ser marca registrada dos militares.

A adesão dos comunistas a Vargas, ao final do Estado Novo, fez com que o trabalhismo, criado por Vargas, fosse visto pelos militares como um movimento no mínimo filo-comunista. O casamento entre Vargas e os militares

entrou em crise que culminou em divórcio em 1945.

Os militares que depuseram Vargas em 1945, Góis Monteiro e Gaspar Dutra, foram exatamente os mesmos que o puseram no poder em 1937 e que o sustentaram durante o Estado Novo.

Em 1945, houve a democratização.

No período que vai dessa data até 1964, deu-se uma multiplicação de atores na arena política, salientando-se a atuação dos dois que Vargas partejara.

No caso das Forças Armadas, a democratização significou, inclusive, o surgimento do que poderíamos chamar, com Alain Rouquié, de partidos políticos militares.

As Forças Armadas dividiram-se em pelo menos dois grupos que lutaram sem tréguas até a vitória de um deles em 1964. Ironicamente, a divisão se deu em torno da herança de Vargas, que, sem o querer, se vingava assim do parricídio de 1945.

Eu diria que havia dois eixos em torno dos quais girava o conflito entre esses dois grupos: eles se dividiam em torno do nacionalismo e do comunismo.

Eram possíveis pelo menos quatro posições.

Havia um grupo que poderíamos chamar de nacionalista direitista, ou nacionalista anticomunista, ao estilo dos generais Góis Monteiro e Gaspar Dutra, que apoiavam Vargas por seu lado nacionalista mas o combatiam por conta do anticomunismo.

Havia um grupo nacionalista de esquerda que, pelo lado nacionalista, concordava com o primeiro grupo, mas dele se afastava por não aderir ao anticomunismo e, em alguns casos, por ser simpático, se não aderido. Esse grupo

apoiou e sustentou Vargas em seu segundo período de governo. Sua figura mais marcante foi o general Estillac Leal.

Havia, ainda, um terceiro grupo, profundamente anticomunista mas não nacionalista. Poderíamos chamá-lo de cosmopolita de direita ou anticomunista.

Suas figuras mais representativas eram gente como o brigadeiro Eduardo Gomes e generais como Juarez Távora e Cordeiro de Farias.

Finalmente, uma quarta possibilidade era a dos cosmopolitas liberais.

Mas ela não passou de possibilidade, não se concretizou. Não houve um grupo militar nacionalista e liberal naquela época.

Como se desenrolou o conflito? Ao longo do segundo governo de Vargas, desenvolveu-se uma aliança entre os dois primeiros grupos, quer dizer, entre o grupo nacionalista anticomunista e o grupo cosmopolita anticomunista. Esses grupos se aliaram contra o grupo nacionalista de esquerda. O conflito deu-se a partir das crises do Clube Militar na década de 50.

A guerrilha entre os dois grupos durou até 1964, quando a aliança dos nacionalistas de direita com os cosmopolitas de direita levou a melhor, derrubou o governo João Goulart e implantou a ditadura.

Como era de esperar, logo após a vitória de 1964 houve outro expurgo abrangendo quase 600 oficiais, além de mais de mil praças, eliminando-se desse modo a corrente derrotada.

Implantado o regime de 1964, o ator militar passou a ser hegemônico, fortalecido que fora internamente pelos expurgos. O outro ator que Vargas gerara,

o trabalhismo, foi destruído pelo governo militar.

Consumou-se a tragédia bíblica, Caim matou Abel. Dele sobreviveram apenas resíduos encarnados em inexpressiva sigla partidária. Ele ressurgiria, no entanto, com outra roupagem no novo movimento operário, cuja relação com a memória de Vargas é algo freudiana, na medida em que se viu na necessidade de repudiá-la para afirmar-se.

O terceiro período do processo de nacionalização da política vem até os dias de hoje, quando ele se completa.

De 1985 para cá, houve uma desativação do ator militar, não mais graças à ação política de liderança de algum bruxo político, como Vargas, e sim graças à multiplicação de atores, alguns oriundos do trabalhismo de Vargas, mas agora com orientação totalmente independente do governo. Essa multiplicação de atores, inclusive institucionalizados em partidos políticos, permitiu o esvaziamento das Forças Armadas como ator político nacional.

Nacionalização da política sem a necessidade de construção de atores de cima para baixo. Tenho ouvido várias vezes, durante este seminário, a pergunta: “A era Vargas acabou”?

Do ponto de vista da construção de uma política nacional, via construção e desconstrução de atores de cima para baixo, eu diria que a era Vargas acabou. Acabou pela eliminação, de um lado, do trabalhismo varguista e, de outro, das Forças Armadas como atores políticos nacionais.

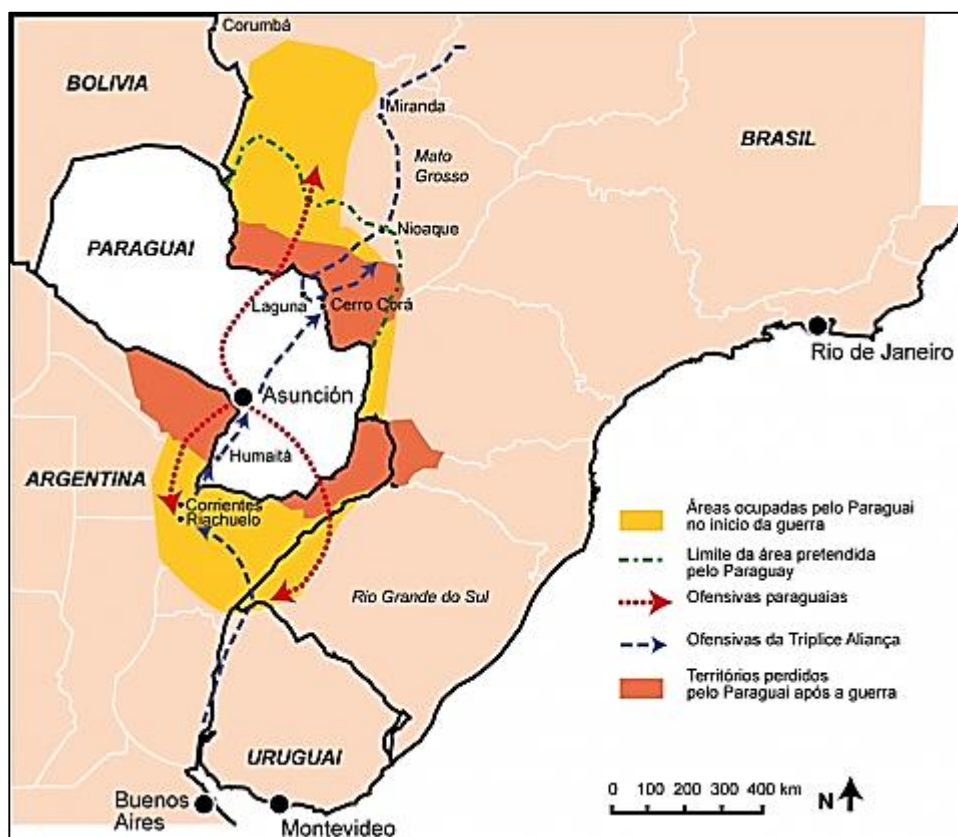
Hoje é possível, foi possível, construir uma política nacional sustentada em atores desenvolvidos de baixo para cima. Temos não apenas uma política

O ataque a Curupayty (22 de septiembre de 1866)

Francisco Seeber

Fonte: SEEBER, Francisco. Desde el frente de Batalla. Buenos Aires: Librería Histórica, 2002 - Cartas sobre la guerra del Paraguay 1865-1866

Nota do Editor: sugerimos atenção para os registros constantes nesta carta, que nos proporcionam importantes informações e detalhes sobre a Batalha de Curupaiti.



Mapa da região do Prata e Paraguai no início da guerra

Campamento en Curuzú, septiembre 28 de 1866

Querido amigo,

Te será ya conocido el gran desastre que hemos sufrido el 22, pero no en todos sus tristes pormenores. Las pérdidas del ejército argentino son cinco jefes, veintisiete oficiales y seiscientos sesenta y seis hombres de tropas muertos, once jefes, noventa y siete oficiales y mil cuarenta y cuatro de tropa heridos, un jefe, veintitrés oficiales, ciento cincuenta y uno de tropa contusos y ciento cincuenta y cinco dispersos. Total una baja de dos mil setenta y ocho hombres.

Los brasileros han tenido un número de bajas igual a las nuestras, más o menos. En cambio su escuadra no perdió más de veintiún hombres. Tomó López su revancha de Tuyuti, pues si allí perdió quince mil hombres, causó a los aliados tres mil seiscientas bajas, mientras que en este asalto no alcanzó a perder cien hombres.

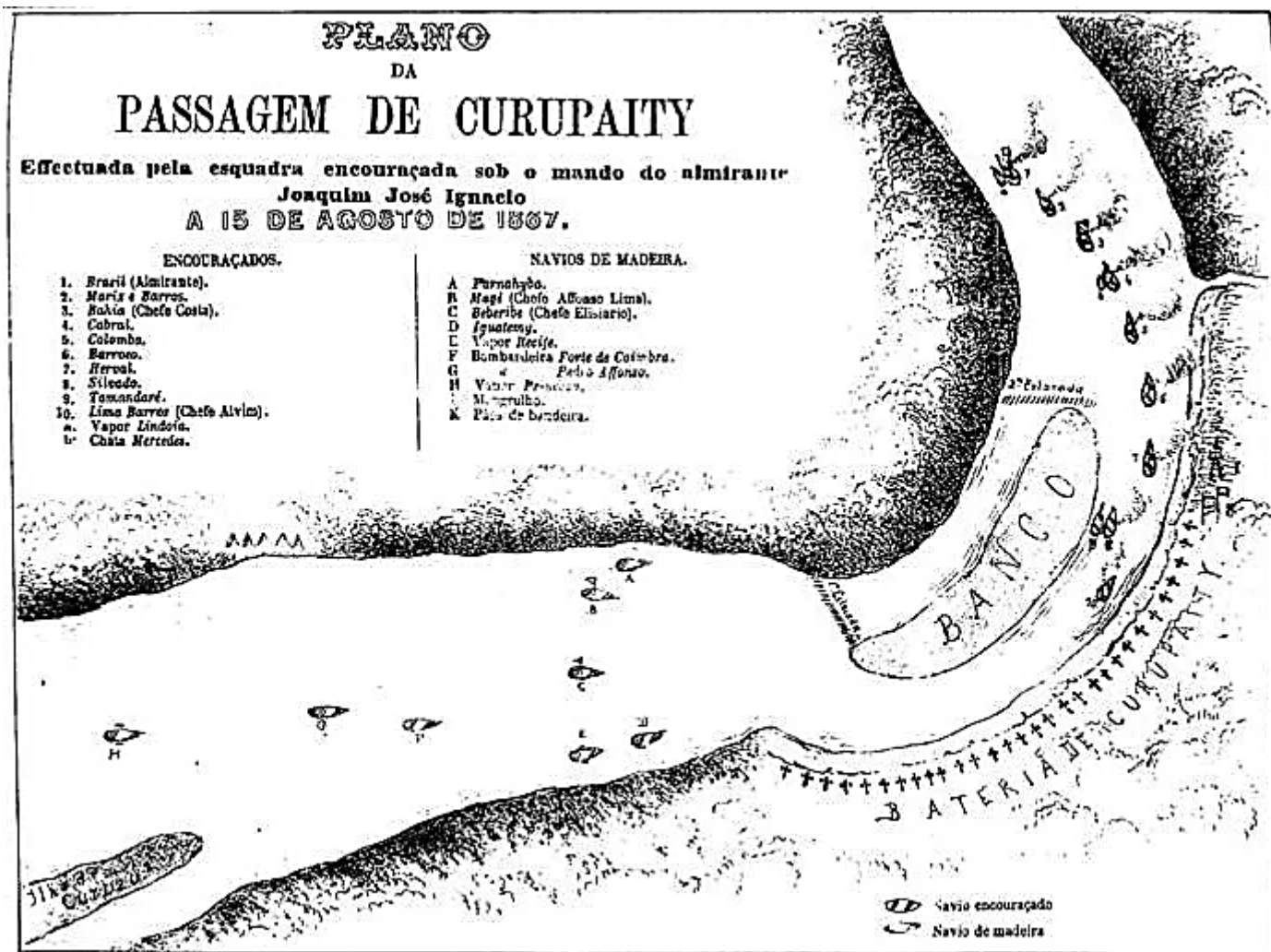
Como en todas las batallas, ha habido actos de heroísmo y nuestros soldados se han estado batiendo a tiro de pistola, sin poder vencer las dificultades que el enemigo había opuesto, principalmente por las condiciones especiales del terreno. Se perdió mucho tiempo en este ataque, lo que permitió al enemigo aumentar sus medios de defensa. **Se notaron una vez mas los graves inconvenientes de la falta de unidad en el comando**, y de que la escuadra brasilera se manejase independientemente, desde que no obedecía o discutía al almirante Tamandaré las órdenes del general en jefe. La escuadra se compone de treinta buques, entre los que se cuentan cuatro acorazados con ciento una bocas de fuego. Empezar el ataque con veinte mil hombres, después que la escuadra hubiera acallado el fuego de los cincuenta cañones que defendían a Curupayty y abierto brechas, era un plan sensato, que debió dar sus resultados. Tamandaré prometió realizar esta obra en dos horas, pero pocos le creyeron. Ya el mariscal Osorio, cuando Tamandaré hacía iguales promesas en el Paso de la Patria, siempre dudaba de ellas.

Por tierra cometimos el error de no llevar entre brasileros y argentinos más que veinticuatro piezas de cañón de pequeño calibre. Una vez más la derrota se debió más a propios errores que a las propias habilidades del enemigo. Antes de darte los luctuosos detalles de este funesto ataque, tengo que referirte algunos pormenores de importancia.

El 13 desembarcamos en este punto, saliendo de Tuyuti, después que fracasaron las negociaciones de paz iniciadas por López.

El 10 pidió el dictador López una **conferencia** al general Mitre, la que tuvo lugar el 12 en Yataity-Corá, con presencia del general Flores, **extrañándome no asistiera Polidoro**. Aparentemente intentaba el tirano hacer proposiciones de paz, pero creo, como el general Flores, que su intención **ha sido ganar tiempo para fortificar a Curupayty**, cuyo ataque ha de haber sospechado después de la toma de Curuzú. López se presentó con gran séquito, en caballo blanco y con poncho color punzó y fleco de oro. El general Mitre vestía uniforme de general y gorra, y el general Flores se puso, por primera vez en la campaña, su uniforme de general con kepi. López intentó tratar con los argentinos y orientales, **a fin de que le dejaran combatir solamente con los brasileros**, diciéndole al general Mitre: "Si me deja solo con los brasileros, es para mi comida digerida".

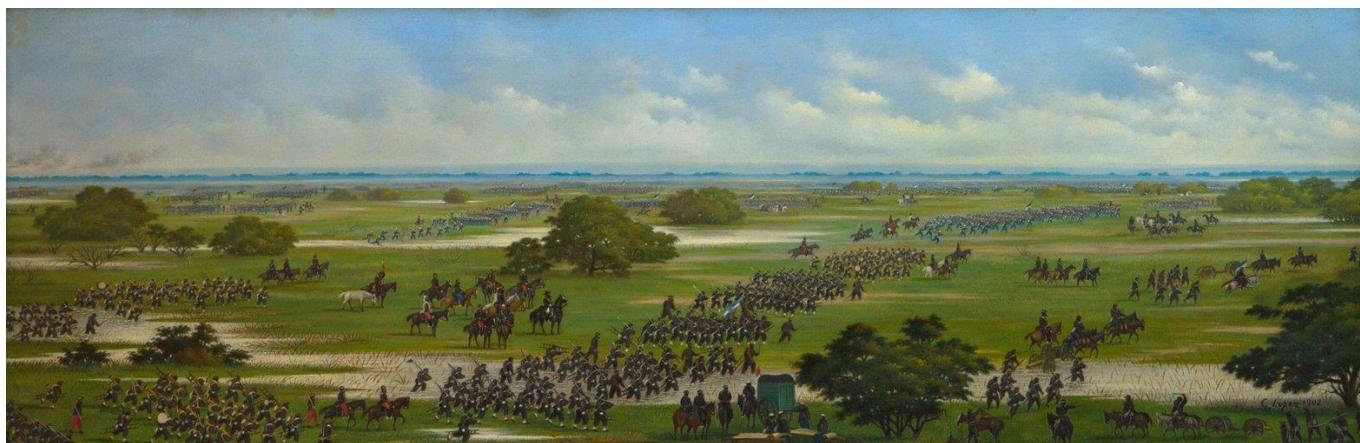
No es extraño que este pedante, que ha querido dominar el equilibrio sudamericano pretenda vencer al Brasil, país rico y más civilizado, que tiene diez veces la población del Paraguay.



Croquis da passagem de Curupaity

Como el general Mitre le contestara que no podia admitir negociaciones de paz sino bajo las condiciones que establece el tratado de la triple alianza, se resistió a entrar en arreglos, asegurando al general Mitre que continuaria la guerra, que seria muy larga y que gobernaba un pueblo fanatizado, que resistiría hasta el último extremo. Mitre terminó la conferencia cambiando un látigo con él. Al general Flores propuso también cambiar algo con él, pero éste le contesto: "Nada deseo cambiar con el señor mariscal" - "Un cigarro", replicó López - "Fumo los mios" - fue la respuesta seca y talvez poco galante de este experimentado guerrero, a quien, a falta de instrucción, sobran sagacidad y perspicacia. Talvez estaba resentido porque le dijo que él era el causante de la guerra. López tomó sus precauciones, temiendo que pudieran tenderle una emboscada, ocultó fuerzas cerca del punto de la entrevista.

Al mayor Diaz, fiscal del ejército argentino y a un alférez, que se internaron, no los dejaron volver y los martirizaron hasta que murieron.



Marcha do Exército aliado para as posições de ataque a Curupaiti (Fonte: Cândido López)

Atrajeron a varios paraguayos que estaban en el ejército aliado y mataron cruelmente.

Con ocho mil hombres del ejército argentino fue reforzado el cuerpo del ejército brasileiro del barón de Porto Alegre, que se compone de once a doce mil hombres. Porto Alegre sólo pidió seis mil hombres. Emprendimos la marcha en el mayor silencio, atravesando el Carrizal, a poca distancia de las líneas paraguayas.

En el camino pisamos cadáveres todavía insepultos, desde el ataque al Boquerón. Porto Alegre tomó a Curuzú el 3 (de setiembre). Fue una brillante operación, perdió mil hombres, haciendo al enemigo setecientos muertos y mil setecientos heridos. Los paraguayos se desbandaron y en vez de avanzar inmediatamente, quedándole doce mil hombres y el apoyo de la fuerte escuadra brasileira, se ocupó en fortificarse y permanecer en la inacción. Parece, por otra parte, que el objetivo fue Curupayty y no Curuzú, según los planes combinados con el general Mitre. Los paraguayos tuvieron tiempo, pues, para aumentar sus defensas. He oído decir que el ataque, en la forma realizada, no era el que descaba el general Mitre. El era partidario de un ataque por la izquierda enemiga, en Tuyuti, hasta llegar a Humaitá, para flanquear a los paraguayos y atacarlos por retaguardia.

El asalto a Curupayty hubo de tener lugar el 17, combinado con una demostración en Tuyuti del mariscal Polidoro, y un ataque al flanco izquierdo y retaguardia paraguayos por el general Flores. Distancias sino enormes por lo menos interceptadas por inmensos montes y esteros anchos y profundos. No era imposible, sin embargo, comunicarse, como me lo decía el ingeniero Chodasewitz, por medio de mangrullos y banderas durante el día y luces de Bengala durante la noche. Entiendo que por medio de banderas y por el río ha existido una comunicación deficiente. El 17 por la mañana estuvimos todos formados con municiones de repuesto, que los soldados debían llevar en sus morrales.

Esperábamos la orden de avanzar, pero más tarde nos hicieron retirar; **la escuadra comunicó que no podía empezar el bombardeo por estar el tiempo nublado y amenazar lluvia.** A las once se tocó tropa y estuvimos nuevamente bajo las armas. Se trataba de un reconocimiento, no ya de un ataque general. No dejó

de sorprenderme esta disposición, o mejor dicho, que recién se hiciera un reconocimiento, que debió haber precedido al ataque suspendido. A poco tiempo de andar se descolgó un aguacero torrencial, como solamente sabe llover en estas regiones; **no teníamos una hilacha seca, la pólvora en las maletas estaba completamente mojada y hasta una parte de los cartuchos que los soldados llevaban en sus defectuosas cananas.**

Avanzamos a nuestra derecha; al salir a un pequeño descampado hicimos alto y el comandante Cobo manda: "avance la compañía de guardia", era la mia. Me conduce a bastante distancia del batallón, me indica los puntos que debía guardar y me dice: "Capitán, este paraje lo defenderá usted y se sostendrá en él si fuese atacado, hasta que reciba refuerzos". "Comandante, le dije, a media voz, será si no me derrotan, porque toda la pólvora que tengo está mojada y ya sabe que entre mis fusiles hay algunos en los que el fulminante revienta al segundo golpe de gatillo. En fin, nos defenderemos con la bayoneta". Guardábamos el flanco derecho, mientras las demás fuerzas, a las órdenes del general Emilio Mitre, se acercaron a las líneas paraguayas, para informar sobre lo que vieron, pero me parece que vieron poco. Nos retiramos, después de algunas horas, a nuestro campamento y al día siguiente siguió lloviendo. Nuestro rancho improvisado de cañas tacuaras, cubierto de paja, estaba inundado y nos alimentamos con carne de tasajo. No me hizo muy feliz este "hors d'oeuvre" y no puedo menos que compadecer a los negros del Brasil y de la Habana. Es posible también que ellos la coman de mejor calidad que la que nos suministran nuestros proveedores. Ya comprenderás que los comentarios que se hacían sobre el ataque que acabamos de efectuar eran tan variados como lo permitían los conocimientos de cada uno de los que opinaban. No dejó de impresionarme el que nos hizo nuestro malogrado amigo el coronel graduado Manuel Roseti, del primero de línea, cuyo juicio respetábamos tanto. El 21 a la noche nos encontrábamos frente a su carpa en compañía de los mayores Fuentes y Lora, capitanes Morel, Garmendia e Iparraquirre y te-niente Solier. Roseti nos dijo estas textuales palabras:

"Compañeros, mañana vamos a ser derrotados. Los paraguayos están fuertemente atrincherados, tienen cincuenta cañones en batería, el frente está defendido por troncos de árboles con ramas espinosas, entrelazadas, el terreno es pantanoso en gran parte, los fosos son profundos y los taludes y escarpas muy empinados. Nuestra artillería es débil e insignificante. No se han explorado las posiciones enemigas suficientemente y, sobre todo, no se han construido paralelas para acercarnos a las trincheras bastante cubiertos para ser menos sensibles nuestras pérdidas. La escuadra podría evolucionar con poca eficacia, porque las barrancas sobre el río son muy altas. Tengo el presentimiento de que voy a ser uno de los primeros en caer y que me pegarán un balazo en la barriga; ya le he dicho al mayor Fuentes que se prepare para reemplazarme".

Te imaginarás lo poco agradables que nos fueron estos vaticinios, mucho más cuando al día siguiente, antes del ataque, se nos dijo que el mayor Laprade, cuñado del coronel Santa Cruz, le había dicho al coronel Arredondo, que sabía que los paraguayos habían sembrado de "abatis" su frente y que no debíamos atacar sin procurar destruir previamente esos obstáculos, que eran funestos para los primeros ejércitos del mundo.

Desde temprano, el día 22, se oyó el tronar de los cañones de la escuadra y de las baterías paraguayas. Parece que con el almirante Tamandaré se había convenido que él levantaría una bandera blanca y roja cuando considerase que había causado al enemigo estragos suficientes para que la infantería se lanzase al ataque. Nosotros emplazamos en el centro nuestras doce piezas de a ocho. Las tropas tomaron posiciones para el asalto más o menos a mil quinientos metros de distancia. Los brasileños formaban a la izquierda con seis batallones de infantería y tres cuerpos de caballería desmontada, a las órdenes del general Carvalho y otros tantos a las del coronel Caldas. Como reserva entró el coronel Luna con tres batallones de infantes y seis regimientos de caballería desmontada. Los acompañaron también ocho piezas de cañón, dos obuses y cuatro cohetas. Todas estas fuerzas estaban hábil y valientemente comandadas por el mariscal barón de Porto Alegre. En contacto con los brasileños, hacia el centro, estaba la 4ª división argentina, compuesta de los batallones Santa Fe, 5º de línea, Salta y 2º Voluntarios, a las órdenes del coronel Susini. La 1ª división compuesta de los batallones 1º de línea, San Nicolás, Legión Militar y 3º de línea, al mando del coronel Rivas. Servía de reserva a estas divisiones la 2ª, compuesta de los batallones 4º y 6º de línea, Rioja y 1º de Voluntarios, a las órdenes del coronel Arredondo. Lo seguía la 3ª división, compuesta de los batallones Correntino, Rosario, Catamarca y Tucumán, a las órdenes del coronel Esquivel. Todas estas divisiones formaban el primer cuerpo de ejército, comandado por el general Paunero. A la derecha se encontraba el segundo cuerpo de ejército, bajo el comando del general Emilio Mitre, compuesto de la 4ª división de los batallones 2º y 12º de línea, 3º de guardias nacionales y 3º de Entre Ríos, a las órdenes del comandante Mateo Martínez. La 3ª división de los batallones Córdoba, San Juan, Mendoza y San Luis y 2º de Entre Ríos, a las órdenes del jefe de estado mayor, coronel Pablo Díaz, como reserva de la 4ª división. La 2ª división del 2º y 4º batallón de guardias nacionales, a las órdenes del coronel Agüero, fue situada paralelamente a la batería enemiga que cerraba su flanco izquierdo. La 1ª división compuesta de cuatro batallones de la capital, a las órdenes del coronel José M. Bustillo, estaba ligada con la 3ª y defendía el abra del monte, por donde las tropas de la derecha avanzaban hacia las fortificaciones. Los soldados pasaban cargando pesadas escaleras de gajos verdes de árboles, atados con filástica. Me pregunté si el pino de tea y las puntas de París habrían desaparecido de Corrientes. Muchas se deshacían y fatigaban a

los soldados. Como se ve, pues, dentro de los elementos con que contábamos la disposición del ataque era todo lo menos mala que podía esperarse.

Los brasileros tenían que costear un monte por la orilla del río, que los abrigaba un poco. En cuanto a nuestras tropas, tan pronto como salieron al descampado, estaban expuestas al fuego de la artillería enemiga. La posición que ocupaba nuestra división era un poco arriesgada, dábamos frente a un espeso monte, teníamos detrás de él una batería que dominaba el abra del monte, que rodeaba un descampado, por la que se dirigían nuestras fuerzas al asalto. Esta batería tenía sus punterías fijas y caían ya los soldados al atra-vesar ese punto. La 1ª división Buenos Aires estaba al alcance de sus balas, pero no nos veían. Como carecíamos de guardias y aún de centinelas avanzados, si nos hubiese atacado alguna fuerza enemiga nos habría pasado lo que a la división de Conesa en Pehuajó, nos hubieran cazado los paraguayos como a pájaros, ocultándose detrás de los árboles. El general Mitre sé que había dicho que nuestra división tendría probablemente que desempeñar funciones muy importantes, guardando el flanco derecho y que si éramos atacados no podríamos ser protegidos. Las tropas en general bien vestidas, los jefes y oficiales de gala, con sus colores llamativos, sus galones relumbrantes y hasta calzando guante blanco, haciendo alarde de coraje, esperaban impacientes la señal del ataque general. A las doce el almirante Tamandaré, después de un cañoneo infernal por ambas partes, levanta la bandera consabida. Se suponía que los fuegos de las baterías enemigas hubieran sido en parte apagados. Con gritos de un entusiasmo frenético, brasileros y argentinos se lanzan con ímpetu a la carga. Su valor legendario les hace despreciar la vida, piensan en el honor de su país, en las glorias de su bandera y en el brillo de sus ojos llevan impresa la confianza en la victoria. Sus jefes y oficiales rivalizaban en el ardor de la pelea y conducen a sus tropas por el camino más corto, para vencer al enemigo. Los obstáculos que encuentran, sin embargo, son superiores a sus previsiones. Los cincuenta cañones del enemigo no cesan de hacer fuego un solo instante, la escuadra no había alcanzado a desmontar uno solo, los "abatís" esparcidos con habilidad rompían la unidad de los asaltantes, el humo de pajonales incendiados impedía ver a su frente, el agua de los esteros imposibilitaba la marcha, el fuego de tres mil infantes enemigos, ocultos en zanjas y detrás de parapetos de tierra, hacían bajas numerosas o incesantes. No obstante esto, se llega a las primeras zanjas y el enemigo se retira a las segundas. Parte de nuestras fuerzas avanzan hasta la segunda zanja ancha, profunda y llena de agua. Allí quieren hacer uso de las escaleras, pero éstas, en su mayor parte, estaban deshechas, se baten parcialmente a tiro de pistola con ardor incomparable, pero caen hombres tras hombres, y el sacrificio resulta totalmente estéril. Después de unas luchas encarnizada de dos horas, en la que las granadas, la metralla y la bala rasa enemiga habían diezmado nuestras tropas, barriendo compañías enteras y ralcadas enormemente las filas, vino la orden de retirada, pero a los pocos momentos se ordenó la renovación del ataque. Rivas y Arredondo se consultan, se miran confundidos porque les parecía seguro el desastre, pero cumplen militarmente y sin vacilaciones la orden. Parece que una falsa noticia de que los brasileros habían penetrado por la izquierda a las líneas enemigas motivó esta nueva tentativa de asalto, que tuvo peores resultados que la primera. No pocos llegaron al mismo

foso y mataron de cerca de algunos paraguayos, entre ellos el intrépido Arredondo, que salió sin un solo rasguño, ni en el poncho siquiera, que llevaba puesto. La retirada definitiva de nuestras tropas, en extremo fatigadas, se impuso al fin, después de cuatro horas de un combate encarnizado y sangriento, con sacrificio de tantas vidas y sin causar al enemigo daño alguno. Fue heroica la conducta de nuestras tropas al retirarse tranquilas, recogiendo los heridos; de-seaban ardientemente que el enemigo saliera de sus atrincheramientos, para tomar la revancha en campo descubierto. Así esperaron, trabajando tres horas en sacar los heridos, sin que asomara un solo enemigo. Camillas no teníamos y las mantas col-gadas de aquellos palos con los que se improvisaron las deplorables escaleras, tuvieron un destino humanitario, pues en ellas se trans-portaron los heridos, sobre hombros de dos soldados.

Según todos los informes, en los últimos días completaron los paraguayos sus medios de defensa. Tenían sus trincheras ángulos salientes y la zanja principal se comunicaba con los esteros. Esto viene a confirmar nuevamente que debíamos haber atacado el 14 y hemos perdido un tiempo precioso. El batallón que más sufrió fue el de Santa Fe, que tuvo dos oficiales y treinta y seis soldados muertos, un jefe, seis oficiales y ciento dieciocho soldados heridos, un jefe, ocho oficiales y veintiocho de tropa contusos, total doscientos hombres fuera de combate. El mayor número de muertos lo tuvo la Legión Militar: un jefe, tres oficia-les y setenta y uno de tropa, además de cuatro oficia-les y cua-renta y cinco de tropa heridos y seis dispersos. Su intrépido jefe, el coronel Charlone, murió de resultas de las heridas, atravesado el brazo y el pecho por varios balazos. Al cargar dijo, en presen-cia de los tenientes Francisco Paz y Sebastián Casares: "He de ser uno de los primeros en trepar a los parapetos paraguayos y la Legión dará una página más de gloria al ejército argentino". "No hemos de ser menos que nuestro jefe", dijo Casares a Paz, y los tres cargaron con denuedo al frente de sus tropas, animán-dolas con su desprecio por la vida Francisco Paz, que posee las nobles cualidades de los de su estirpe, estudiante de derecho aventajado, cayó muerto por una bala que le perforó el vientre. El capitán Leonidas Pico y el teniente Daniel Cerri se lucieron también. El bravo comandante Roseti fue herido en el vientre, como lo presintió y murió muy pronto de su herida, además tuvo el 3º de línea diecisiete soldados muertos y nueve oficiales y cincuenta y cinco de tropa heridos, tres oficiales y uno de tropa contusos y treinta y seis soldados dispersos. Con Roseti hemos perdido uno de los jefes más distinguidos, cuyas nobles condicio-nes de carácter he hecho resaltar ya anteriormente. El mayor Fuentes también fue herido en una parte delicada, que sirvió al capitán Morel, herido también, para darle bromas respecto al doble disgusto que le daría a su mujer. El 3º de línea también ha tenido bajas de consideración. La más deplorable es la de su jefe, el distinguido e ilustrado comandante Alejandro Díaz. Ha muerto dignamente, una bala le atravesó el vientre y el teniente Sebastián Casares, que estaba cerca de él, le oyó decir estas palabras: "Que el 3º no sea el último en escalar las trincheras: adelante muchachos". Casares se retiró con un kepi, que entregó a su hermano, el mayor Eugenio Díaz, nuestro segundo jefe. El cadete Pablo Belisle recogió su cadáver, que traían cuatro soldados en una manta; un tarro de metralla mató e hirió a casi todos. Tuvo el 3º un jefe, diez de tropa muertos; un jefe, ocho oficiales y cincuenta de tropa heridos y doce dispersos. El bata-llón San Nicolás, con el coronel Boer y el

mayor Somoza a la cabeza, mostró siempre estar a la altura de los cuerpos de línea. Somoza ha sido herido, además veinte muertos y siete oficiales y setenta y ocho soldados heridos.

El 5º de línea tuvo a su jefe, el comandante Rufino Victorica, herido, tres oficiales y cuarenta y ocho soldados muertos y cinco oficiales y sesenta soldados heridos. El coronel Ignacio Rivas, cuyo valor e intrepidez están arriba de todo elogio, estuvo siempre en lo más recio del fuego, animando a sus soldados con su presencia varonil. Dos heridas serias le obligaron a retirarse y el general en jefe lo proclamó general sobre el campo de batalla. Pocas veces hemos tenido entorchados mejor ganados, y es un honor para el ejército ser derrotados, cuando se han agotado todos los recursos de la resistencia con hombres que tienen tan caracterizados los sentimientos de la dignidad y del honor militar. Los que han presenciado de cerca esta lucha homérica, describen con colores sombríos el espectáculo que tenían ante sus ojos.

El suelo estaba teñido por la sangre, el agua enrojecida por la que abundante corría de los cuerpos de miles de muertos y heridos. Los ayes de los que sufrían dolores agudos, con el tronar incesante de los cañones enemigos, que aumentaban el número de las bajas, los batallones en esqueleto y deshechos, daban al conjunto un aspecto pavoroso. En esos momentos se acerca el general Paunero, se asombra de ver a un joven de 18 años con kepi de teniente coronel. Era el teniente Sebastián Casares, que sobre el suyo se había colocado el del malogrado Alejandro Diaz. - ¿Dónde está la primera división? le pregunta. - Aquí están, señor general, las cuatro banderas le contesta que vienen escoltadas por sesenta hombres solamente. El general Paunero, tan sereno en los momentos de mayor peligro, no pudo menos que sentirse emocionado ante el cuadro que presentaban esos batallones en esqueleto, con tradiciones tan gloriosas. Ojalá la sangre de tantos héroes, derramada tan cruelmente, tenga la virtud de la de Ajax, para que crezcan jacintos y sirva de lección a estos pueblos, que deben vivir tranquilos, en paz y armonía, dedicándose al trabajo para hacer producir sus extensos territorios, tan fértiles como despoblados e incultos. Sigamos con esta narración afligente. Todavía me quedan muchos muertos queridos que mencionar, cuya desaparición prematura nos deja un gran vacío. El 4º tuvo muerto a su jefe, el comandante Manuel Fraga. Era un militar lleno de méritos y sufría de una herida que le infirió Edelmiro Mayer, en un duelo que tuvieron en el pueblo 25 de Mayo, por una discusión insignificante durante un ejercicio. Eran muy amigos, ambos muy serenos, tanto, que después de concertado el duelo, durmieron la siesta en el mismo rancho. Fraga dijo antes del duelo: "Ya he mandado seis al infierno y a éste de una pitada lo mando también". Fraga era muy impetuoso. Mientras se estaban batiendo, al tirar una estocada a Mayer, le dijo: "Así tiran los orientales". Mayer paró el golpe contestándole: "Así tiran los porteños" y desgraciadamente la espada le atravesó el pecho. Después de algún tiempo se reconciliaron y Fraga le manifestó que lo único mortificante para él era que un hombre con cara de mujer lo hubiese vencido. Ese cuerpo tuvo además un oficial muerto y nueve heridos, veinte de tropa muertos y cuarenta y siete heridos además de treinta y nueve dispersos. El 6º tuvo a su jefe Luis María Campos herido en un pie, no desmintiendo su fama conquistada de valor y previsión en el momento de la pelea. Su caballo fue muerto durante el combate. Cuando lo embarcaron buscó sus botas y se puso furioso con el

ayudante Balza porque creía que se las había llevado. Hay que advertir que el pie de éste tiene el tamaño de dos de Luis María.

Este cuerpo tuvo además tres oficiales muertos y cinco heridos, quince de tropa muertos, sesenta y tres heridos y treinta y un dis-persos. Nuestra artillería no tuvo más que un muerto y dos heridos: es la que siempre sufre menos en todos los combates. Cuando el ayudante Balza, con la serenidad que le distingue, llevó al coronel Vedia la orden de no desenmascarar su batería hasta que se iniciara el ataque, le mataron el caballo y quedó con sus tiros enredado en la orqueta de la montura. Se encuentran heridos también los coman-dantes Gaspar Campos, José Giribone y los mayores Lora, Retolaza y Sotelo, cuyos cuerpos han sufrido a la par de los demás. Los batallones de la tercera división, según lo señala el parte oficial, se mantuvieron a trescientos metros de distancia de las fortificaciones, sufriendo el fuego incesante de bombas y metralas, protegiendo la retirada y recogiendo los heridos. Su jefe, el coronel Esquivel, mereció ser mencionado a la par de los más bravos. El general en jefe, cuya serenidad es proverbial, se mantuvo siempre en la zona peligrosa y fue herido su caballo. Estando el capitán Juan Francisco Vivot a su lado, una bala pasó junto a un soldado que quedó inmóvil. El general sacó una libra esterlina y se la regaló. Un ayudante se acercó a darle un parte, le pidió el cigarro para encender el suyo y éste se quitó la gorra al tiempo de alcanzárselo. Una bala de cañón pasa por sobre la cabeza de ambos y el ayudante agachó un poco la suya. Mitre al devolverle el cigarro le dice: "Muy a tiempo, señor ayudante". Otra bala cayó en un charco salpicando al general y éste le dice a Balza: "Los paraguayos nos tienen poca consideración tirándonos con barro". No puede decirse quien se haya porta-do mejor en esta dolorosa tragedia, pero una de las figuras salientes fue la del mayor Eduardo Pacheco, ayudante del general en jefe, que cruzaba la línea de fuego en un hermoso caballo de carrera. A las cinco, mi división recibió orden de retirarse. El comandante Eduardo Pico nos trajo la orden del general en jefe de hacerlo al paso marcial. En ese momento la batería paraguaya, que teníamos a nues-tro frente, detrás del monte, después que las tropas de la primera línea se retiraban, empezó a converger sus fuegos por elevación siguiendo su marcha. Nos hizo poco daño, con excepción del 4º batallón comandado por el comandante José Luis Amadeo, que estaba detrás del 1º, haciéndole cuatro muertos y tres heridos. Una bala de cañón pasó raspando a nuestro jefe el coronel José María Bustillo que se quedó tranquilo, con esa expresión tan apacible de su simpática fisonomía. Nuestra división recibió orden de avanzar en la dirección de las fuerzas que venían en retirada. Fue un momento solemne creí que nos llevarían también al ataque y pocas esperanzas de éxito podíamos esperar cuando las tropas más aguerridas habían sido rechazadas. A una distancia hicimos alto; allí el mayor Julio A. Roca, que manda el batallón "Salta", se acercó al nuestro en ese momento y sostuvimos con él un diálogo interesante. Es muy penetrante, se expresa con soltura y nos dio datos minuciosos sobre el ataque, en la parte que le tocó actuar. Después que el comandante Aniceto Latorre tuvo que dejar el mando del "Salta" por enfermedad, a indicación de Arredondo fue ascendido Roca a mayor y le confiaron el mando de ese cuerpo que no alcanzaría a doscientas plazas. Combatió con él en la 4ª división a las órdenes del coronel Susini y se encontró después mezclado con el 9º y 12º de línea de la división del coronel Mateo Martínez, que atacó a la derecha nuestra.

Nuestras tropas no podían avanzar por las razones que expuse anteriormente. Ya bajo el alcance de los cañones, nuestras fuerzas toman un momento de descanso y con tanta tranquilidad que el teniente Rafael Ruiz de los Llanos y el subteniente Miguel Goyena, del 9º de línea, hicieron calentar agua para tomar café. En pocos momentos, cuando iniciaron la carga, fueron diez-mados. Se hicieron prodigios de valor, algunos llegaron hasta el mismo foso, pero tuvieron que retroceder. El 9º tuvo cincuenta muertos y cerca de cien heridos, el 12º tres oficiales y cincuenta y dos soldados muertos y siete oficiales y treinta soldados muertos y ocho oficiales y sesenta de tropa heridos: total la mitad de sus fuer-zas. La confusión se produjo, como era consiguiente, después de tantas pérdidas. El comandante Ayala y el mayor Mansilla resolvieron poner en conocimiento del jefe inmediato la situación en que se encontraba el cuerpo, cuya posición era insostenible, no pudiendo avanzar y sufriendo el fuego de metralla y fusilería a trescientas y a veinte varas de distancia, respectivamente. En momentos en que el ayudante del cuerpo recibió la orden de dar el aviso convenido, cayó muerto de un balazo. Era el tercer oficial muerto de ese cuerpo, que además tenía ya siete oficiales heridos. Se resuelve entonces que el mayor Mansilla en persona de cuenta del estado peligroso en que se encontraban los cuerpos de nuestra derecha. En el trayecto recibió una contusión de un casco de granada y cae también herido el comandante Ayala. El 12º entonces, sin jefe y con contados oficiales, se desbanda. El mayor Roca entra a las filas de ese batallón picando las espuelas a su caballo, trata de animar a los soldados y a uno de sus capitanes lo incita a contener a los que empezaron a flaquear. Deplorable por demás ha sido la muerte del capitán Domingo Sarmiento del 12º, que se condujo con valor y energía. Inteligencia vigorosa y carácter distinguido, es una de las tantas pérdidas prematuras que venimos lamentando. Para su noble padre y cariñosa madre será este un golpe mortal. El teniente Leonardo Roca, hermano del mayor Roca, que le sigue en edad, tuvo un duelo momentos antes del ataque y cargó valientemente al frente de una de las guerrillas de su compañía, animando a sus soldados. Después de cinco horas de un sangriento y por demás adverso combate llegó la orden de retirada. El 9º se retiró a las ordenes del entonces ayudante mayor Octavio Olascoaga, después que su jefe, el comandante Calvete, con el capitán Espinosa y varios otros oficiales fueron heridos, habiendo sido muerto el capitán Plaza y varios oficiales de menor graduación y no quedando aptos para el servicio sino cinco de los diecisiete oficiales con que contaba el batallón antes del combate. Entre esos cinco estaba el ayudante mayor Olascoaga, el teniente Ruiz de los Llanos, subteniente Miguel Goyena y dos subtenientes más con mando de compañía estos cuatro. En el camino el mayor Roca alzó al teniente Daniel Solier del 1º que venía herido. Una metralla que reventó a su lado hizo espantar al caballo y Solier hubiera caído al suelo si no se hubiese asido fuertemente a Roca. Puedo asegurar que de todos los oficiales jóvenes que hay en el ejército, ninguno reúne mayores condiciones militares y juicio más acertado que el mayor Roca. Está destinado a desempeñar su papel muy importante en el ejército y es una injusticia que no lo hayan ascendido a teniente coronel sobre el campo de batalla. En la junta de jefes superiores, que se reunió después del ataque, alguno de ellos indicó que el 1º de línea había quedado sin su primer jefe y segundo jefe y que convendría darle uno que reemplazase bien a Manuel Roseti. El general Mitre dijo que ascendería al mayor Julio A. Roca, para

darle el mando de ese batallón. Fueron sucesivamente a darle las albricias a su carpa el capitán Gutiérrez, del 6º y los coroneles Arredondo y Susini, pidiéndole una caja de habanos por la noticia. Las finanzas de Roca no están para esas excentricidades¹. Me refieren que uno de los espectáculos más tristes fue la muerte del teniente Darregueira, del 3º de guardias nacionales (el 3 de oros, como le llaman en el ejército). Estaba recostado contra una palmera, una bala de cañón le llevó la cabeza junto con un pedazo de tronco del árbol y el cuerpo quedó un momento parado antes de caer para siempre. El 3º tuvo además cinco de tropa muertos, un oficial y diez de tropa heridos. Maximio Alcorta pasó a nuestro lado con el garbo que le conoces, sintiendo probablemente no volver con alguna herida dado el carácter romántico que lo domina. Es de sentir la grave herida del capitán Nicolorich, distinguido periodista, no resistirá el viaje y ha de morir en el camino. Melchor Romero, con esa tranquilidad que le distingue, ha levantado un croquis del campo de batalla y me ha dado alguno de los pormenores que te relato. Polidoro no quiso moverse a su frente: si lo hace tal vez hubiese tenido un contraste peor que el nuestro.

El general Flores, como te dije, debía operar con una división de caballería e infantería montada, orientales, brasileños y argentinos, por la derecha del Estero Bellaco y dirigirse a San Solano, punto que se suponía a retaguardia de Curupayty. Los prisioneros y aún los desertores paraguayos, que estaban incorporados a nuestro ejército, son taimados y nada revelaban que pudiera contrariar a López. De las informaciones que recogió Flores, no pudo saber siquiera la distancia exacta a que quedaba la población que debía ocupar. Unos le aseguraban que distaban cuatro leguas, otros que ocho y hasta diez leguas. El general Flores emprendió la marcha en las primeras horas de la mañana del día 22 con todas sus fuerzas, que constaban de dos mil hombres, cruzó los fangosos pasos del Estero Bellaco Norte y llegó, al caer la tarde, a San Solano, que quedaba en ángulo recto con la izquierda de los paraguayos y a dos leguas y medias de ese punto y a cuatro de Curupayty. Cuando el general Flores llegó al punto que se le había señalado, ya estábamos derrotados. Su concurso para operar junto con nosotros habría sido de todo punto imposible. A la noche recibió un chasque del general Gelly anunciándole nuestro rechazo y en la madrugada del 23 se retiró, escopeteado por los paraguayos, que los habían sentido.

A la oración todos nos retiramos a nuestros campamentos profundamente impresionados; cuando esperábamos que nos cubrirían los laureles de la victoria, solamente nos acompañaron las angustias de la derrota, el recuerdo doloroso de los héroes que allí dejaron su vida, la pena eterna por los amigos que valientemente sucumbieron. Único consuelo de tanta desdicha fue que el honor militar se mantuvo en todo su arrogante esplendor. Hemos cometido los mismos errores que los paraguayos el 24 de mayo atacando sus puntos menos vulnerables. También se olvidó observar los principios fundamentales del arte de la guerra sobre el sitio y ataque de las posiciones fortificadas, no estableciéndose las líneas de circunvalación ni las de contravalación, la primera para facilitar el ataque y la segunda para evitar toda sorpresa y los socorros que el enemigo pudiera esperar.

¹ El mayor Roca recién fue ascendido a teniente coronel en 1868

El cuerpo médico argentino prestó sus humanitarios servicios, estableciendo, como de costumbre, sus ambulancias bajo el fuego del enemigo. Los doctores Bedoya, Molina, Biedma y Golfarini atendieron con habilidad y con cariño a los numerosos heridos. Biedma y Golfarini acompañan a los heridos en el vapor Júpiter y a Golfarini se le ha encomendado el cuidado del general Rivas. Después que nos retiramos, Juan Francisco Vivot recibió una comisión arriesgada, que era tomar el camino más corto para comunicar a Polidoro los pormenores de nuestro rechazo. Un paraguayo le enseñó una senda entre el monte. Lo salvó la oscuridad de la noche, pues por momentos pasó tan cerca de los paraguayos que oía claramente sus voces.

Ante el horror de un nuevo banquete de carne de tasajo, acompañado de Martín y José María Bustos, nos dirigimos a bordo del Guardia Nacional, donde a la vez de ver a los amigos heridos que habían sido embarcados nos hicieron comer espléndidamente Amancio Alcorta y Pepe Murature, lo que en campaña es un capítulo bien importante.

Ayer pedí permiso al general Mitre para bajar a Buenos Aires por razones urgentes de familia. Estando casi desahuciado en Corrientes me negué a bajar, no obstante la insistencia de mi noble amigo el doctor Caupolicán Molina, así es que me incomodó un poco en el primer momento que el general me negara el permiso. Tuvo razón, sin embargo, porque yo no me presenté en forma y también porque al paso que vamos ya que a tantos otros se les ha acordado permiso, el ejército se quedará sin oficiales.

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM
Veterano, Presidente da AHIMTB/R S**

(lecaminha@gmail.com);

Site s: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;

**Site do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS:
www.nee.cms.eb.mil.br;**

Blog da Delegacia da FAHIMTB/R S em Recife, PE:

Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>

A última página é um brinde aos leitores de um desenho (um dos primeiros) do Coronel Estigarribia quando tenente (bom proveito)



